

Ao entrar no quarto, a primeira reação que Kronar teve foi a de sufocar com aquele ar estagnado e a falta de luz. A segunda foi de cautela quando se deparou com Velan Zawhart se retirando. Ele nunca deixava de vir, e parecia que isso ajudava a tornar possível existirem mais alguns dias.

Ao cruzar com o almakin de cura, cumprimentou-o com um aceno de cabeça, ao qual ele respondeu com diligência e falou, com um tom de preocupação:

— Acho que não passa desta noite. Sinto muito.

Ele não sentia. Ela sabia que não.

Velan fora seu colega no Instituto, apenas três anos mais novo. Naquela época, ambos chegaram a ter certa convivência como alunos de primeira ordem dos seus almakis, ainda que a situação entre eles não fosse um exemplo de cordialidade. Também, por um breve período, existiu a certeza dos Zawhart de que os Dul'Maojin uniriam as duas Grandes Famílias da Capital de Fogo através dos seus herdeiros. Os atritos só pioraram depois que ela arruinara os planos deles em colocar o filho mais novo em um lugar de destaque na Capital de Fogo. Agora, na situação de representantes de suas Famílias, a convivência era simplesmente para atender à formalidade exigida por seus lugares na Sociedade Almaki.

— Preciso dizer minhas últimas palavras – ela olhou em volta, deixando claro que pedia para que todos os que estavam no espaço saíssem.

Tanto o almakin de cura como os criados fizeram uma reverência e obedeceram.

Kronar aproximou-se silenciosamente do leito do pai.

Ele estava naquele estado há mais de um ano, sendo teimoso até a última centelha de força que seu almaki permitisse. Quando recebera o comunicado, em seu escritório no Centro de Poder da Capital de Fogo, não hesitou em voltar para casa, para não perder aquele momento.

Já havia mandado Krission e Kandara para a Fortaleza com So-ren meses antes. Não queria que eles estivessem ali assistindo ao definhar do avô, o qual consideravam tanto.

Ela se sentou na poltrona ao lado da cama e observou o velho Senhor da Capital de Fogo se esvaindo a cada respiração sofrida. Malor Dul'Maojin não parecia nem a sombra daquela figura que sempre a intimidara, que a fazia ficar na sombra, que por muito tempo foi o padrão estabelecido que deveria seguir. E, até então, tinha primado por ser exatamente isso.

O senhor virou o rosto – marcado pelos anos e pela doença que o consumia – para ela, abrindo um pouco os olhos, dando um sinal claro de que a percebera ali. Ele não conseguia mais falar, mesmo se quisesse. Nunca houve outro momento antes em que ela tivesse mais voz do que ele. Demorara a chegar, mas estava ali a sua oportunidade para dizer ao pai tudo o que sempre quis dizer e guardou para si:

— É o fim.

Ele piscou, e parecia um lamento.

— Agora serei eu quem irá comandar – colocou pausadamente, como se saboreasse cada palavra. – Não está feliz, pai? Não era o que você queria? Uma Dul'Maojin exemplar, que seguiu todos os seus passos, que concordou com tudo o que fez, que acatou a todas as suas decisões? Não se preocupe. Posso ter sido um pouco inconstante quando jovem, mas, como Senhora da Capital de Fogo, irei guiar as Capitais e Almakia da mesma forma que você fez.

A expressão do senhor agora parecia exalar alívio. Kronar apenas o observou por cima dos óculos, dando um tempo para que ele se sentisse satisfeito com a colocação dela.

— Contudo, como mãe de Krission e Kandara, não vou deixar que a vontade de Rhus morra com ele.

A boca dele se abriu em um som que não conseguia emitir, e os olhos agora expressavam angústia. Isso apenas deixava claro que ele sempre duvidou dela, e que sempre temeu que essa dúvida se concretizasse.

— Vou ser uma Dul'Maojin, como tantos outros antes de mim. Entretanto, meus filhos não são somente parte da Família de Fogo. Uma parte deles é como as pessoas da Baixa Sociedade de Almakia, assim como Rhus fora. E, ao contrário do que você pensa, não podemos esconder todas as nossas raízes. Você abafou minha tia e So-ren, e achou que eu tinha dominado Rhus, transformando-o em alguém útil para nós. Mas não foi assim. – ela se aproximou dele, com se estivesse compartilhando um segredo. – Não dominei Rhus, pai. Sempre estive de acordo com ele. Por isso, agora que você não pode fazer mais nada, entregarei Almakia para Kandara e Krission. Eles irão decidir o rumo do Domínio, e não mais os Dul'Maojin. Até lá, farei de tudo para ter as Grandes Famílias aos meus pés – ela se afastou e o enfermo se movimentou, em um sentido claro de tentar impedi-la. – Não pode mais me deter, pai. Teve muito tempo para fazer as coisas à sua maneira. Agora será a minha vez.

Ela se levantou e saiu, sem olhar para trás.



Naquela noite, houve silêncio na Capital de Fogo.

Como de costume, o cortejo de chamas que se despediam de um líder eram pontos que deslizavam lentamente pelas ruas, rumo ao Centro de Poder onde aconteceria o sepultamento. E, apesar das atitudes de resguarda e a atmosfera de tristeza que estava estabelecida na madrugada, ao mesmo tempo havia uma apreensão pelo que se seguiria. Afinal, a morte de um Senhor da Capital de Fogo levava um novo nome ao poder. E, depois de mais de quarenta anos tendo Malor Dul'Maojin como autoridade, as pessoas não sabiam o que esperar da renovação.

À frente, iluminando o caminho, iam as três figuras principais do cortejo, que eram reverenciadas pelas pessoas com um leve curvar de cabeça: a nova governante, Kronar Dul'Maojin e seus herdeiros. Kandara, a mais velha, recentemente recebera o título de Dragão de Fogo do Instituto de Almaki, e o mesmo já era esperado para o pequeno Krission para os anos seguintes. Eram perceptíveis as formas diferentes de olhares que eles recebiam da multidão. Dos mais velhos vinha a incerteza, o desafio e a desconfiança. Nos adultos, também havia a desconfiança, mas ela se misturava com a esperança. E entre os mais jovens havia aquele deslumbramento pela mudança, pela novidade, por tudo o que o futuro prometia. Porém, todos esses olhares não encontravam uma comunicação com aquela que admiravam. Impassível, a nova Senhora da Capital de Fogo guiava a procissão, decidida. Sua forma de agir poderia ser classificada como várias coisas: luto contido, a responsabilidade de se mostrar forte no momento difícil de transição, a consciência de tudo o que seria para Almakia a partir dali.

Para Kronar Dul'Maojin, tudo o que ela via à frente era o passado. Tudo o que ela era, tudo o que tinha sido e tudo o que não pôde evitar. E então via seus filhos, o que eles eram e tudo o que poderiam fazer.

Depois dos cerimoniais fúnebres e de finalmente chegar ao último passo, onde tinha a responsabilidade de usar seu almaki para selar novamente a tumba dos seus ancestrais – agora a morada do seu pai –, ela precisava dizer as palavras que marcariam para sempre o rito de passagem. Ela usou seu Segredo de Fogo para criar chamas capazes de movimentar objetos pesados como aquela pedra, e fechou a abertura, passando a mão pelo símbolo da sua Família, esculpido em relevo e adornado com ricos detalhes. Então se voltou para os presentes, todos representantes da Sociedade Almaki, que aguardavam as primeiras palavras da nova Senhora da Capital de Fogo, a partir dali oficialmente detentora daquele título. Era visível que esperavam um discurso sobre o falecido representante da Família Dul'Maojin. Ela sorriu, de uma forma que deixava claro qual sentimento estava expressando:

— Almakia irá resplandecer a partir deste dia que amanhece. – Kronar passou os olhos por todos aqueles que a encaravam e então continuou. – E o que nos foi dado até agora será confiado ao futuro.

Como ela não deu a entender que continuaria com o esperado discurso pomposo, os aplausos começaram de forma tímida. Logo eles ganharam força e se expandiram, ocupando as ruas da Capital de Fogo. O dia não demorou para raiar, e com ele nasceu também vários sentimentos de que um grande passo deveria ser dado. A questão seria: quem chegaria primeiro ao seu objetivo.



Depois de ter tomado inúmeras decisões difíceis, Kronar nunca pensou que aquela em específico lhe consumiria tanto da sua determinação. Foi um momento conflitante que pareceu se estender por séculos dentro de si até que conseguisse finalmente chegar a uma conclusão.

Relutante, decidiu que aquilo precisava ser feito.

Afinal, o tempo agora era extremamente precioso, e não poderia ser desperdiçado com um demorado convencimento através de palavras.

Por isso, encarou aquela vilashi à sua frente da mesma forma que já a tinha encarado outrora no seu escritório no Centro de Poder da Capital de Fogo, quando se deu conta de que ela estava colocando tudo a perder, e tratou de deixar bem claras suas circunstâncias em estar aceitando:

— Não pense que faço isso porque de alguma maneira a aceito. Apenas não tenho tempo para lidar com você no momento. E, como a princesa tratou de deixar claro, você foi escolhida nessa situação e está além do meu alcance questionar essa escolha. Contudo, quero que se trate de uma via dupla: irei revelar o que sei, e quero o mesmo em troca.

Sua voz firme não deixava dúvidas sobre tratar-se de uma condição inquestionável. Diante disso, a vilashi, a kodorin e o sutoorin se entreolharam e, sem trocaram palavras, concordaram. Não gostava do fato de aqueles intrusos estarem ali, no seu Instituto, ocupando lugares centenários que deveriam pertencer somente a almakins. Isso a incomodava como representante de uma ilustre Família da Sociedade Almaki. Mas, ao mesmo tempo, trazia aquele alívio inegável de que Rhus sempre esteve certo.

Não podiam escolher a forma como tudo se desenrolaria dali por diante, mas poderiam alinhar as informações que tinham de forma que pudessem decidir. Desde o momento em que abandonara o Centro de Poder de Almakia e viera para o lugar ocupado por aqueles que ousaram ir contra seu próprio Domínio, teria que suportar certas provações para poder continuar

seu plano. E a principal delas era a de qualificar suas intenções. Todos eles reunidos ali naquela sala sabiam que aquela seria a única maneira de conseguir estabelecer uma conexão entre os acontecimentos e, ainda, criar a confiança necessária.

— Muito bem, princesa, diga o que é preciso ser feito.

— Deem as mãos. — orientou Kanadi.

A voz dupla a deixava incomodada. Uma ela reconhecia ser da menina que trouxera de Kodo, e a outra era desconhecida, o que apenas reforçava a sua decisão de querer saber os passos que eles deram até ali. Por isso, a contragosto, estendeu a mão para a vilashi. Essa, por sua vez, hesitou em retribuir o gesto. Não por medo e não por rejeição. O que Kronar identificava era algo que ela mesma fizera antes de firmar acordos com outros Domínios: ponderação. E, quando o fez, foi de uma forma firme, como um desafio, como se ousasse dizer com aquilo que não se importava com qual lugar pertencia.

— Aruk — a voz dupla chamou, e o sutoorin colocou a sua mão sobre as delas. — Faça o seu melhor.

— É para isso que eu vivo.

Cego e impertinente, o que apenas servia para aumentar em Kronar o grau de incredulidade no que iriam fazer. Ele continuou:

— Garo-lin, você já passou por isso antes, então sabe o que vai acontecer. Não sei quanto tempo irá durar. Poderá ser anos em um instante. Respire fundo. Kronar — o fato de ter sido chamada tão informalmente pelo nome por alguém mais jovem deixou a senhora ainda mais tensa. — Mesmo que não aceite a verdade do que lhe será mostrado, veja até o final antes de estabelecer suas conclusões. E respire fundo também. Como agora Garo-lin é a Dragão de Fogo e não retrai mais seu almaki, tudo pode parecer extremamente real.

*Dragão de Fogo.*

Quando planejou retirar aquela vilashi silenciosamente do Instituto, não tinha imaginado que ela voltaria de forma tão ruidosa. Por isso, foi inevitável comentar:

— Espero descobrir um bom motivo para você ostentar esse título, vilashi.

A desafiada não respondeu, apenas a encarou com aqueles olhos amarelos intensos, o que obrigou a princesa a pedir:

— Comece, Aruk, antes que elas resolvam colocar em chamas toda essa hostilidade.

E então tudo ficou escuro.